

LAURA RESTREPO

Heróis demais

Tradução
Ernani Ssó



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2009 by Laura Restrepo

Obra publicada com apoio da Dirección General del Libro, Archivos y Bibliotecas
do Ministério da Cultura da Espanha.



*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original

Demasiados héroes

Capa

Rita da Costa Aguiar

Foto de capa

Interior do café Lafayette, em Greenwich Village, Nova York, 1946

© Genevieve Naylor/ Corbis (DC)/ LatinStock

Tinta escorrendo © ImageZoo/ Corbis (RF)/ LatinStock

Preparação

Silvana Afram

Revisão

Isabel Jorge Cury

Huendel Viana

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Restrepo, Laura

Heróis demais ; tradução Ernani Ssó. — São Paulo : Companhia
das Letras, 2011.

Título original: Demasiados héroes

ISBN 978-85-359-1864-9

1. Romance colombiano I. Título.

11-03993

CDD-CO863

Índice para catálogo sistemático:

1. Romances : Literatura colombiana CO863

[2011]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista 702 cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707 3500

Fax (11) 3707 3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

A Payán, a seu lado

Todo mundo tem o direito de pensar que seu pai é um bom sujeito.

Félix Romero

Neste momento não estou para ouvir historinhas de heróis.

Elias Khoury

— Preciso saber como foi — Mateo diz à sua mãe. — O lance obscuro, quero saber exatamente como foi.

— Já te contei mil vezes — ela responde.

O próprio Mateo o tinha batizado assim, *o lance obscuro*, porque o que aconteceu naquela vez foi nocivo, mas também porque estava sepultado sob uma montanha de meias verdades. O pior de tudo era sua falta de lembranças; aquilo tinha acontecido quando ele era pequeno demais para fixar na memória. Bengaladas de cego. Era uma expressão que tinha ouvido por aí. Ele se sentia assim, dando bengaladas de cego em meio a uma história que não compreendia, mas de que fazia parte e que o prendia como uma rede.

— Vamos, Lolé — diz Mateo, suavizando a voz e chamando-a assim, Lolé, como quando era pequeno. Agora prefere chamá-la por seu nome, Lorenza, e quando se irrita com ela a chama de mãe. — Vamos, Lolé, me conte de novo. Vamos começar pelo negócio do parque.

— Você tinha dois anos e meio. Era uma quinta-feira, de tarde. Nós três estávamos em Bogotá, no parque da Independência.

— E ele usava um suéter grosso de lã.
— Pode ser.
— Vi nas fotos que ele usava suéteres grossos de lã.
— Suéteres não, pulôveres.
— Pulôveres? O que são?
— Suéteres. É que ele dizia assim, pulôver. Nós, colombianos, dizemos suéter. Os argentinos dizem pulôver. Ridículo: em inglês são as duas coisas.

— O que eu quero saber é se também nessa tarde, no parque, ele estava com um pulôver grosso de lã.

— Sei lá. O que eu me lembro mesmo é que andava com o cabelo comprido. Na Argentina tinha que andar com ele curto, a ditadura não tolerava cabeludos. Mas deixou crescer ao chegar à Colômbia. Se quer saber como era teu pai, Mateo, dê uma olhada no espelho e se veja com uns dez anos mais. Ramón era assim naquele tempo.

— Não é verdade, eu não tenho os ombros largos. Meu tio Patrick me contou que Ramón tinha os ombros largos.

— Logo você vai ter também.

— E aquela tarde no parque?

— Estamos passeando, Ramón e eu, e levamos você pela mão. O céu é de um azul hortênsia, como são os céus de Bogotá quando...

— Não quero saber como são os céus de Bogotá — diz Mateo. — Quero entender o que aconteceu.

Às vezes Lorenza diz ao filho que o mais horroroso do lance obscuro é que aconteceu exatamente quando o horror estava para terminar. A ditadura argentina ia ficando para trás, e Ramón e ela tinham sobrevivido à clandestinidade. Depois de cinco anos militando juntos na resistência, tinham se afastado do partido e abandonado o país, desconcertados como monges que saíram do mosteiro e enfiaram o nariz no mundo lá fora. Para

Lorenza, que era colombiana, a mudança não havia sido tão difícil; no fim das contas a volta a Bogotá tinha permitido que ela estivesse de novo com sua gente, num mundo conhecido em que se reintegrou sem muito drama. Ramón, em troca, sendo argentino, ficou flutuando no ar. Acabou por detestar tudo o que o rodeava, achou a família dela detestavelmente burguesa e começou a ver a própria Lorenza como um ser desconhecido que pouco tinha a ver com a mulher por quem havia se apaixonado em Buenos Aires. Uma vez quebrada a cumplicidade que os unira durante a clandestinidade, tinham se transformado em dois estranhos.

— Em Bogotá teu pai se tornou invisível pra mim — Lorenza confessa ao filho.

— Como invisível? Ninguém fica invisível.

— Talvez eu andasse ocupada demais com você, com o trabalho, com a família, vai ver comigo mesma. É, essas coisas costumam acontecer com pessoas muito unidas em tempos de perigo. O perigo passa, aí descobrem que só isso as unia. A verdade é que já não achava lugar pra teu pai. Imagina um casaco muito pesado em pleno verão.

— Um pulôver de lã em pleno verão.

— Você não sabe o que fazer com isso, não pertence a esse momento, nem a esse lugar. E Ramón também não ajudava. Começou a se comportar de uma maneira, digamos, esquisita. Não conseguia entender o que era a vida fora do partido. Bem, era mais sério ainda, acho que não conseguia entender como se vive sem a ditadura, sem ter um inimigo pela frente a quem você deve destruir pra que não te destrua. Tudo isso fez com que a convivência se tornasse um mal-estar permanente, e nos separamos.

— Pare, Lorenza. *Nos separamos?* Você diz *nos separamos* e fim de papo? Quem se separou? De quem foi a ideia da separação?

— Minha.

— Você queria se separar.

— Sim.

— E meu pai não queria.

— Não. Ele não queria.

— Isso é muito diferente de *nos separamos*.

— Eu tinha conseguido trabalho como jornalista e quando me separei te levei pra viver comigo na casa da minha mãe, e Ramón ficou no apartamento que tínhamos alugado no centro da cidade.

— Nós de novo classe alta, ele sempre o pobre.

— Não é bem assim: você e eu num quarto de hóspedes, teu pai em seu próprio apartamento.

— Vamos voltar ao parque.

— Estamos no parque. Quinta-feira, cinco da tarde. Montamos você num dos cavaleiros do carrossel e ficamos de pé ao lado pra te segurar. Enquanto isso, falamos. Uma conversa incrivelmente calma, eu diria; nada a ver com as discussões violentas que tivemos durante a separação. Ramón me pergunta se tenho certeza de que nos separarmos é realmente o que quero. Uns dias antes teria falado aos gritos, mas agora me faz a pergunta em tom neutro, como um tabelião que confere uma informação. Eu respondo que sim, que tenho certeza, que a separação é um fato e que não vale a pena começar a discutir de novo. Ele diz que não quer discutir nada, só precisa confirmar que a coisa não tem mais volta. Não, eu digo a ele. A coisa não tem mais volta. Ele não insiste e muda de assunto, me diz que vai te levar pra passear numa chácara no fim de semana. Vai pegar você bem cedo na manhã seguinte, sexta, e vai te devolver domingo antes das sete da noite. É uma chácara pros lados de Villa de Leyva, e teu pai me diz que devo te mandar bem agasalhado porque vai fazer frio.

— Você não pergunta de quem é a chácara, ou onde fica exatamente? Não pede o telefone do lugar pra onde ele vai me levar?

— Não. Não quero que ele pense que me meto na nova vida dele. Ele é um ótimo pai, te adora, cuida de você, e nesse momento me parece natural que queira ficar sozinho com você por uns dias. Penso também que se anda organizando passeios deve ser porque está mais calmo com a ideia da separação. Bem, cada um te pega por uma das mãos e enquanto anoitece nós três andamos pelos caminhos do parque. Lá pelas tantas você cai, arranha um joelho e chora um pouco, não muito; não foi grande coisa. O estranho é que Ramón e eu conversamos agradavelmente, sobre nada em especial. Pela primeira vez, desde que começaram as pancadarias da separação, voltamos a passar um bom momento juntos. Tenho a sensação de que vamos poder ser um casal separado que compartilha um filho amigavelmente e isso me alegra.

— Tudo bem. E agora, o lance obscuro — Mateo diz.

— Na sexta, te acordo cedo, te dou banho, te visto e peço à tua avó que te dê o café...

— Você tinha me dito que me deu o café.

— Não, tua avó te dá, enquanto eu faço a malinha pro teu fim de semana em terra fria. Meto uns dois macacões de veludo, um suéter...

— Um pulôver.

— Um pulôver, meias e camisetas, teu pijama de ursinhos, que é o mais quente, tua capa e tuas botas pra chuva. Às sete e meia Ramón toca a campainha e eu entrego o menino pra ele, quer dizer, você, com a malinha. Você vai contente. Você se alegra quando vê teu pai, gosta de ficar com ele. Também entrego uma bolsa com Choco-Quick, umas maçãs, uma lata de leite em pó, uma caixa de Rice Krispies e dois brinquedos.

— Lembra dos brinquedos?

— Lembro de cada detalhe com uma nitidez aterradora. Meto na sacola um palhacinho verde que te demos de Natal e uns cordões compridos de lã que você adora arrastar pelo chão.

Diz que são *as cobas* e não deixa que a gente pegue nem pra lavar. *As cobas*. No começo não entendíamos o que você queria dizer com isso, até que nos demos conta: *as cobas* eram *as cobras*. Também meto nessa sacola um vidrinho de desinfetante para que Ramón bote no arranhão que você fez no parque. Dou esse vidrinho no último instante, quando teu pai já saiu do apartamento, pegou o elevador e está atravessando o hall de entrada, em direção à rua. Eu grito pra ele que espere e corro de roupão e descalça até onde vocês estão, entrego o vidrinho a Ramón e aproveito pra te dar o último beijo. Você quer se jogar nos meus braços, mas teu pai te segura. Eu digo que você vai ficar muito contente e você pergunta se lá vai ter vacas. Quer dizer cavalos; você chama os cavalos de vacas. Ramón te responde que sim, vai ter vacas, e você poderá montar nelas.

— Vacas, cavalos, *cobas*. Agora vamos pra noite desse dia — pede Mateo.

— Eu trabalho na seção de política nacional de *La Crónica*, um semanário novo que se tornou muito influente. O fechamento da edição é nas sextas à noite e a redação se torna uma loucura, ferve de gente. Vão parar por lá ministros, advogados, dirigentes de diferentes tendências, amigos da casa: todo mundo que tem uma notícia fresca, ou quer participar na discussão sobre as que vão ser publicadas, baixa por ali e entra no papo, e desse saco de gatos vão saindo os artigos de última hora.

— Não me fale de jornalismo, mãe.

— Tudo bem, mas não me chame de mãe.

— Mas você é minha mãe.

— Sim, mas não me fale desse jeito. Tudo bem, não vamos brigar. Voltemos à redação de *La Crónica*. Por volta da uma e meia da madrugada botamos ponto final na edição, e são mais de duas quando chego à casa da minha mãe. Ela me ouve entrar, se levanta, me esquenta uma sopa de legumes e fica comigo na

cozinha enquanto como. Quando nos damos boa-noite, me diz que chegou um envelope pra mim e que o deixou na mesa de cabeceira. A mãe vai pro quarto dela, eu preparo uma xícara de chá e subo pro quarto de hóspedes, que tem duas camas, a tua, que está vazia, e a minha. O que eu quero nesse exato momento é tomar um bom banho e com água bem quente antes de me deitar, para maneirar o frenesi que me contagia todo fechamento da revista. Todos os dias você me lembra antes das seis, e nesse fim de semana vou poder dormir um pouco mais.

— Abre o envelope que te deixaram?

— Não. Nem vejo o envelope, porque ao entrar não acendo as luzes do quarto. Como me doem as costas, me atiro na cama, vestida mesmo, no escuro, pensando que dali a uns minutos me levanto e tomo banho. Mas durmo. Umás horas mais tarde o frio me lembra. À luz do amanhecer, posso ver o relógio: quase seis. Tiro a roupa, ponho uma camisola e, como tenho sede, procuro a xícara de chá, que ficou pela metade sobre a mesinha. É aí que vejo o envelope. Eu teria ignorado ele se uma coisa não me chamasse a atenção: está escrito com a letra do teu pai. Diz *favor entregar a Lorenza*. Por que um bilhete de Ramón? Acho meio estranho, mas não muito; digamos que abro despreocupada o envelope. Não é um bilhete, é uma carta manuscrita, comprida, de várias folhas. Isso sim me surpreende. A letra de teu pai, que é pequena e desigual, me obriga a procurar os óculos na bolsa. Boto os óculos e leio.

— O que diz o bilhete?

— Não é um bilhete, é uma carta. O que diz? Bem, diz *vou embora pra sempre e levo o menino, nunca mais vai nos ver*.

— Assim, na maior?

— Com muitas explicações. Páginas e páginas de explicações, de justificativas, de recriminações. Numa linha pedia perdão pelo que ia fazer e na seguinte me jogava a culpa de tudo.

— Me diga o que a carta dizia, eu preciso saber que explicações meu pai dava.

— Nesse momento não posso ler mais; mal me dou conta de que me tiraram meu filho, me quebro toda por dentro.

— Mas depois você leu a carta toda.

— Não, nunca li inteira. Os motivos do teu pai não me interessavam. Só esta frase brutal: *vou embora e levo o menino pra sempre*. Por um instante vi tudo preto e tive que me segurar pra não cair no chão. Aí comecei a uivar. Dava uivos selvagens de loba de quem roubaram a cria.

— A avó diz que eram uivos como da noite dos tempos. Diz que acordou com teus uivos e que pensou que estavam te matando.

— Era muito pior.

— E aí?

— Não me lembro.

— Não lembra ou não quer lembrar. O que faz nessa madrugada?

— Uivar. Agonizar. Morrer. Teu pai é um perito em andar clandestinamente, em falsificar passaportes, assinaturas, passagens. Está acostumado a mudar de identidade uma atrás da outra. Se esconder e desaparecer, essa é a especialidade do teu pai. E ele acaba de desaparecer com você.

Ramón Iribarren, sou teu filho Mateo Iribarren e vim a Buenos Aires pra te conhecer, se receber esta mensagem, pode ligar pra mim no Hotel Claridge, quarto 506, vou ficar aqui até o fim do mês, muito obrigado, atenciosamente, Mateo Iribarren. Foram as palavras que Mateo escreveu e assinou com letra irregular numa folha de caderno, anos depois do lance obscuro, quando sua mãe acabava de lhe contar mais uma vez.